

As pedras no caminho da pesquisa científica em oftalmologia no Brasil

The stumbling blocks in scientific research in ophthalmology in Brazil

Bernardo Kaplan Moscovici¹ 

¹ Departamento de Oftalmologia, Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Como citar:

Moscovici BK. As pedras no caminho da pesquisa científica em oftalmologia no Brasil. Rev Bras Oftalmol. 2025;84:e0080.

doi:

<https://doi.org/10.37039/1982.8551.20250080>

Recebido:
9/9/2025

Aceito:
23/9/2025

Autor correspondente:

Bernardo Kaplan Moscovici
Rua Cayowwá, 854, apto. 82 – Perdizes
CEP 1258010 – São Paulo, SP, Brasil
E-mail:bernardokaplan@yahoo.com.br

Instituição de realização do trabalho:

Departamento de Oftalmologia, Escola
Paulista de Medicina, Universidade Federal
de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Fonte de auxílio à pesquisa:
trabalho não financiado.

Conflitos de interesse:
não há conflitos de interesses.

Editado por:

Editor-Chefe: Ricardo Augusto Paletta
Guedes



Copyright ©2025

A produção de artigos científicos no Brasil é um percurso árduo, repleto de obstáculos. Na Oftalmologia, especialidade marcada por avanços constantes e pela necessidade de inovação, esses entraves tornam-se ainda mais evidentes. Vivemos em um país com enorme volume de pacientes, diversidade epidemiológica única e médicos talentosos. Contudo, transformar essa realidade clínica em ciência publicada exige superar muitas pedras no caminho.

Diferentemente de países com carreiras acadêmicas estruturadas, no Brasil a pesquisa é quase sempre feita à margem da rotina assistencial. Médicos e residentes trabalham em consultórios, ambulatorios e hospitais durante o dia e pesquisam de madrugada, nos intervalos, muitas vezes sacrificando o descanso e a vida pessoal. A ciência aqui nasce do sacrifício individual, não do incentivo institucional.

Na maioria dos centros, faltam equipes multiprofissionais para apoiar a pesquisa, como estatísticos, bibliotecários especializados e secretarias acadêmicas. O pesquisador acumula papéis e se torna um “faz-tudo”. Soma-se a isso a pouca quantidade de orientadores dedicados. Muitos professores, embora competentes, estão sobrecarregados com atendimento médico, cirurgias e aulas, o que reduz o tempo disponível para uma orientação próxima e de qualidade. Além disso, a maioria deles também não é remunerada especificamente pela atividade de orientar. Fazem-no por vocação, pelo compromisso com a formação de novas gerações e, sobretudo, por amor à ciência. Essa dedicação, ainda que admirável, é insustentável a longo prazo sem um sistema que a valorize de forma concreta.⁽¹⁻³⁾

Outro fator que contribui para o desestímulo é que muitos não conseguem enxergar um benefício direto em se dedicar à pesquisa científica. Os resultados são lentos, exigem persistência e não trazem retorno financeiro imediato. Em paralelo, as gerações mais novas de médicos e estudantes estão cada vez mais acostumadas a informações rápidas, textos curtos e respostas imediatas, em contraste com a realidade de uma pesquisa científica, que demanda tempo, aprofundamento, rigor metodológico e paciência. Esse choque cultural cria um afastamento ainda maior entre a prática clínica e a vida acadêmica.⁽¹⁻³⁾

A pressão assistencial também é brutal. Consultórios lotados, filas cirúrgicas extensas e emergências inadiáveis consomem quase todo o tempo. A pesquisa acaba relegada a segundo plano, feita no tempo que sobra — que, na prática, não sobra. Projetos promissores ficam pelo caminho, não por falta de mérito, mas por falta de tempo.

Nossa formação médica privilegia a prática clínica, mas pouco ensina sobre como pesquisar. Muitos concluem a residência sem nunca terem aprendido a elaborar um projeto, escrever uma introdução, estruturar resultados ou discutir achados. A falta de

treinamento em metodologia científica e redação acadêmica cria um abismo entre a vontade de pesquisar e a capacidade de publicar.

Publicar em inglês, requisito para a visibilidade internacional, é outro desafio. A falta de treinamento adequado e os custos elevados de tradução limitam o acesso. Muitos manuscritos de qualidade são rejeitados não pelo conteúdo, mas pela forma. Além disso, culturalmente, a pesquisa ainda não ocupa o centro da prática médica brasileira: é vista, em muitos ambientes, como acessório e não como eixo fundamental.⁽¹⁻³⁾

O financiamento insuficiente agrava esse cenário. O investimento em ciência no Brasil gira em torno de 1,2% do Produto Interno Bruto (PIB), enquanto países como Coreia do Sul investem 4,9%; os Estados Unidos investem 3,4%. Essa diferença se reflete em laboratórios menos equipados, menor acesso a tecnologias e projetos frágeis diante da instabilidade dos recursos públicos. A dependência quase exclusiva de verbas governamentais, sujeitas a cortes e mudanças políticas, compromete o planejamento de longo prazo.⁽¹⁻³⁾

Outro fator crítico é a fuga de cérebros. Entre 2015 e 2022, o Brasil perdeu milhares de cientistas para o exterior. Estima-se que até 20% dos doutores formados atuem fora do país. Essa diáspora representa não apenas a perda de talentos, mas também o desperdício de investimentos públicos em formação. Nossos melhores pesquisadores buscam no exterior o que aqui não encontram: condições dignas para trabalhar.⁽¹⁻³⁾

Na prática, essas pedras tornam a produção científica nacional limitada em quantidade e qualidade. Perdemos oportunidades de documentar dados epidemiológicos relevantes, como as altas prevalências de ceratocone e de doenças infecciosas oculares. Deixamos de contribuir de forma mais robusta com o debate internacional sobre saúde ocular. Até nossas revistas nacionais, como a Revista Brasileira de Oftalmologia, enfrentam dificuldades para atrair artigos de impacto, diante da competição com periódicos estrangeiros e das limitações enfrentadas por quem escreve.⁽¹⁻³⁾

Apesar de tudo, há caminhos possíveis. É urgente ampliar o financiamento da ciência, fortalecer a pós-graduação, garantir treinamento em metodologia e redação científica, criar equipes de apoio, aumentar o número de orientadores dedicados e, sobretudo, reconhecer institucionalmente o valor do trabalho de quem orienta. É preciso também estimular colaborações multicêntricas, valorizar revistas nacionais e criar incentivos concretos para reter talentos.

Fazer pesquisa em Oftalmologia no Brasil é caminhar sobre pedras. Mas essas pedras não precisam ser apenas obstáculos: podem se transformar em degraus. O talento e a criatividade dos pesquisadores brasileiros já estão comprovados. O que falta é estrutura, reconhecimento e apoio. É hora de transformar o sacrifício individual em política coletiva, de fazer da resiliência uma escolha, não uma obrigação, e de mostrar que a ciência brasileira em oftalmologia não é apenas sobrevivente, mas protagonista em potencial.

REFERÊNCIAS

1. Amaral DC, Padilha LB, Pace CM, Carvalho PC, Sabage LE, Sacramento B, et al. Latin America's current contribution to scientific production in ophthalmology: a bibliometric analysis. *eOftalmo*. 2024;10(2):85-91.
2. Research in Brazil: A report for CAPES by Clarivate Analytics. Available from: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://propp.ufms.br/files/2018/04/CAPES-In-Cites-Report-Final-2011-16.pdf>
3. Chang SJ, Selvam A, DeVore S, Alagar R, Yu A, Ong J, et al. Geographical trends in global ophthalmology research from 2002 to 2022. *Am J Ophthalmol*. 2025;270:83-92.